

De novo, Barthes? Enfim, Barthes! A atualidade de um percurso e de um discurso

Once again, Barthes? At last, Barthes! The relevance of a trajectory and a discourse in contemporary thought

Giovandro Marcus Ferreira
giovandroferreira@gmail.com

Professor Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, na qual integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD) e o Centro de Estudo em Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC). Doutor em Ciências da Informação Mídias, no Instituto Francês de Imprensa e Comunicação (Universidade Paris 2 Panthéon-Assas).

Bruna Couto Rocha
bruna.couto.rocha@gmail.com

Jornalista. Doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas (PósCom/UFBA). Pesquisadora do Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD/UFBA).

Resumo

Partimos de uma articulação entre o percurso e o discurso de Roland Barthes, destacando aspectos de seu pensamento que podem contribuir com os estudos comunicacionais atuais. Ao articular com o contexto contemporâneo marcado sobretudo pelos ditames do consumo, da viralização¹ e da automação, o presente artigo revisita algumas problemáticas barthesianas, frutíferas para pensar a contemporaneidade, a exemplo da morte do autor, do acontecimento mediático e do mito. Trabalhamos tais conceitos à luz de tensões atuais em torno da digitalização da cultura e de alguns de seus principais fenômenos: multiplicação de emissores, redes sociais digitais e ferramentas de Inteligência Artificial. A obra de Barthes convoca múltiplos deslocamentos investigativos e aponta para mudanças de paradigma, sempre confrontando o status quo do fazer científico e a hegemonia política e cultural de seu tempo. Palavras-chave: Roland Barthes, mito, acontecimento, morte do autor, inteligência artificial.

Abstract

We begin by articulating Roland Barthes's career and discourse, highlighting aspects of his thinking that can contribute to current communication studies. By articulating with the contemporary context marked above all by the dictates of consumption, viralization and automation, this article revisits some Barthesian issues that are fruitful for thinking about contemporaneity, such as the death of the author, the media event and the myth. We work on these concepts in light of current trends around the digitalization of culture and some of its main aspects: multiplication of transmitters, digital social networks and Artificial Intelligence tools. Barthes's work called for multiple investigative changes and points to paradigm shifts, always confronting the status quo of scientific practice and the political and cultural hegemony of his time.

Keywords: Roland Barthes, myth, event, death of the author, artificial intelligence.

Introdução

A atualidade do pensamento de Roland Barthes para os estudos da Comunicação perpassa pelas idiossincrasias de seu percurso. Sua obra convoca múltiplos deslocamentos e aponta para mudanças de paradigma sempre confrontando o status quo do fazer científico e a hegemonia política e cultural de seu tempo. Segundo Daniel Bournon, há vários Barthes, mas o que atravessa o tempo é sobretudo o semiólogo (Bournon, 2009). Podemos explorar um Barthes múltiplo e uno, tendo como referência diferentes práticas desenvolvidas ao longo de seu percurso: homem de teatro, ensaísta, crítico literário, semiólogo, etc. Segundo Brigitte Jacques-Wajeman, escrever, para Barthes, significava desestabilizar o sentido do mundo.

Tanto na ética da encenação quanto na escritura, Barthes esteve atento não só à dimensão ideológica dos textos, mas também à sua materialidade.

Antoine Compagnon reforça a existência de vários Barthes, sucessivos e concorrentes. Quando o alcançava num determinado tema ou domínio, ele já estava em outra investida intelectual (Compagnon, 1993). Barthes esteve, por um lado, implicado com o fazer artístico em sua vida cotidiana e, por outro, dedicado à teorização deste fazer, engajando-se na construção de modelos teóricos que pudessem ser testado pelos estudiosos de seu tempo. Convoca, neste sentido, duas imagens de mestre: um tipo que na sua labuta cotidiana oferece sua vida, sua atividade como modelo; e outro, que constrói, ao longo do percurso, modelos teóricos ou experimentais, a serem aplicados pelos discípulos. Neste segundo caso, testam-se as hipóteses

¹ Forma popular de tratar a multiplicação desenfreada de um conteúdo na internet, em correlação com a palavra

vírus. Também pode ser substituída pelo termo “*hitar*” que se refere à palavra de língua inglesa hit — aquilo que remete ao sucesso.

com intuito de aperfeiçoá-las, corrigi-las ou mesmo falseá-las, seguindo sempre os rastros do mestre (Eco, 1993). Há, aqui, uma prática comunicativa que aproxima-se da prática artística (Eco, 1993) e, em geral, um ensino ofertado através de seminários e não cursos. Um seminário não é a transmissão de um conhecimento instituído e catalogado de um determinado domínio. Ele é fruto de uma pesquisa em curso, carregada de incertezas, como de práxis, mais confusa do que um ensinamento de um saber (Pino, 2017).

Barthes viveu ao longo do século XX, de 1915 a 1980. Nasceu em Cherburgo e mudou-se para Paris em 1924, onde realizou seus estudos secundários. Na Universidade, formou-se em Letras Clássicas e iniciou a docência em 1948. O início de sua trajetória intelectual foi marcado por um grande interesse nos estudos de Karl Marx e Bertold Brecht. Nos anos 60, a partir de um encontro com a teoria do signo linguístico em Ferdinand Saussure, aproximou-se do Estruturalismo, corrente hegemônica nos estudos da linguagem naquele momento. Em 1974, na conferência pronunciada na cerimônia de retomada do jornal *Le Monde*, afirmou que ler Saussure o deixou esperançoso de dar cientificidade à denúncia dos mitos pequeno-burgueses (Barthes, 2001).

Ao chegar no *College de France*, declarou-se “um sujeito incerto, no qual cada atributo é, de certo modo, imediatamente combatido por seu contrário”, sustentando a controvérsia como parte do seu estilo. Apesar do vínculo institucional à Semiologia, Barthes nunca se fechou nos muros desta escola, nomeando-a como uma aventura e ganhando a fama de semiólogo infiel (Mota; Fontanari, 2012). Supomos que a aproximação com a psicanálise foi fundamental para mantê-lo na borda deste campo do saber, nem completamente dentro e nem totalmente fora, sempre atento às armadilhas do discurso e na recusa do fechamento e da naturalização do sentido.

[...] pertence à Semiologia, e talvez, de todas as ciências humanas, hoje, apenas à Semiologia, questionar os seu próprio discurso: ciência da linguagem, das linguagens, ela não pode aceitar sua própria linguagem como um dado, uma transparência, uma ferramenta, em suma, uma metalinguagem; fortalecida com as aquisições da psicanálise, interroga-se sobre o lugar de onde fala, interrogação sem a qual toda ciência e toda crítica ideológica são derrisórias [...]. (Barthes, 2001, p. 17)².

Barthes propõe uma Semiologia crítica, que deve operar na análise dos signos na sociedade, mas, igualmente em direção a sua estrutura discursiva. Uma disciplina crítica e reflexiva a partir de uma investida ad-extra e ad-intra, ou seja, em ambos os domínios. Nesta perspectiva, os signos não são neutros e são caracterizados por uma semiose que é social, histórica, além de infinita. Logo, a interpretação do signo estará sob à influência das características dessa semiose, colocando no caso a Semiologia diante das ideologias, dos valores que permeiam as condições de produção e de reconhecimento, e, cada vez mais, de circulação dos discursos. A análise dos discursos tem seu movimento em direção ao signo, levando em consideração suas condições sociais, históricas e políticas, seja na produção de sentido na sociedade em geral, seja na produção de sentido da Semiologia. Tal olhar coloca em evidência a importância da Semiologia, como também a Comunicação, serem norteadas

pela crítica (avaliação cuidadosa de ideias, teorias e práticas), pela reflexão (autoavaliação do próprio pensamento, teorias e práticas), pela interdisciplinariedade (os aspectos críticos e reflexivos convocam diferentes áreas de conhecimento), pela contextualização (a crítica e a reflexão não ocorrem no vácuo).

Da escritura à morte do autor

Barthes foi um pensador inquieto com os acontecimentos de sua época. Sem perder o rigor com a produção teórica, sempre colocou algo de si. Enquanto contemporâneos rechaçaram o advento dos meios massivos, Barthes os olhou com interesse e criticidade, resultando uma intensa produção analítica de artefatos culturais, com a qual pôde construir um modo singular de apropriação da Semiologia, do Estruturalismo e da Filosofia. Na Literatura, campo que denominou de revolucionário por, ao contrário da Ciência, “professor e ilustrar que nenhuma linguagem é inocente” (Barthes, 2004, p. 5)³, provocou alvoroço ao declarar “a morte do autor” (2004), sustentada pelo conceito de escritura.

[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pelo corpo que escreve. (Barthes, 2004, p. 57).

A morte do autor se situa, então, diante da existência de uma autoridade central sobre o suposto sentido, que conduzia a análise do texto sempre a uma busca do que o autor comunicava, suas intenções. Tirando de cena o protagonismo do autor, com sua morte anunciada, entre em cena o(s) leitor(es) como co-criadores do sentido emanado do texto. Mais adiante, autores da escola de Constança, ou então, como Paul Ricoeur que vai mesmo colocar em evidência “a força do auditório”, ou seja, do leitor na elaboração, desde o início da construção narrativa (Ricoeur, 1983). Barthes foi pioneiro no rompimento com o paradigma dominante de interpretação, deslocando o centro do autor para o leitor, tornando a leitura um ato criativo e o texto um campo de jogo e prazer. Segundo Leyla Perrone-Moisés (1999, p. 69), “foi Roland Barthes quem nos ensinou a ler um texto como um tecido de citações, sem origem pura. Essa ideia, que pode parecer libertadora também, exige do leitor uma nova responsabilidade”.

Michel Foucault, cujo pensamento também teve proeminência neste momento de contestação dos paradigmas da época, traz uma posição um pouco diferente. Para ele, duas noções — a obra e a escrita — cumpriam um papel de bloquear a anunciada morte do autor. Havia um movimento entre escritores e na crítica literária que, em oposição ao cânone, apostava no anonimato e entoava o coro do sepultamento da autoria, a destituição do indivíduo na prática social da escrita. Foucault chamava a atenção, entretanto, para o fato de que estas subversões também abriam margem para outras problemáticas e que o autor não era uma entidade tão fácil assim de se matar. Sustentou que práticas discursivas emergentes críticas ao papel do autor provocaram processos de enigmatização que, indiretamente, mantiveram viva a mística do autor, inclusive com o risco de se aproximar do discurso

² Originalmente publicado em 1975.

³ Originalmente publicado em 1968.

religioso: “na luz obscura da neutralização, o jogo das representações que formaram uma certa imagem do autor” (Foucault, 2001, p. 271).

A posição de Barthes, por sua vez, apontava para uma crítica à burguesia, ao Positivismo e ao imperativo do indivíduo nas sociedades capitalistas. Em sua reflexão sobre a morte do autor, ressoava o compromisso em denunciar relações de poder, dentro e fora da ciência. No diálogo com o mundo literário, onde a destituição do autor também tensiona o papel da crítica, Barthes contribuiu para o alargamento conceitual do texto, distorcendo as rotas tradicionais do sentido e convidando o leitor para o centro da roda. Havia um contexto de autores que, em seu próprio estilo, questionavam a ideia em vigor de um texto que exprime uma subjetividade à priori de um indivíduo. Para Barthes, o autor era produto de sua narrativa e não o contrário, bem como a obra só encontrava sua unidade no ato da leitura: “[...] o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor” (Barthes, 1968, 2001, p. 60). Barthes, subjacente à morte do autor, busca, de uma certa maneira, celebrar a diversidade expressa no processo produtivo, mas sobretudo na interpretação de um texto. A interpretação passa a ser democratizada fruto do aporte que cada leitor traz de suas vivências possibilitando uma multiplicidade de sentido, de leitura.

No contexto atual de uma “sociedade de emissores”, há novas implicações em torno do “autor” que, através das plataformas, compartilha sua produção de conteúdo para redes sociodigitais, fomentando a cultura do remixe, pelo fenômeno da circulação e da interatividade, faz do ato de leitura uma experiência coletiva, estimulando o processo contínuo de construção e reconstrução de textos, músicas, vídeos etc. Neste processo, há igualmente a implicação dos algoritmos que provocam mudanças nas relações de produção e consumo. Eles determinam a forma como um texto será apresentado, quais postagens serão vistas e quais eventualmente não serão.

Na busca de fidelização e de cliques, vão se formando bolhas sociais determinadas por aspectos do discurso, através das quais o sentido será vinculado aos significantes das manifestações dos usuários que, por sua vez, estão sujeitos aos constrangimentos impostos pelos algoritmos. O produtivo e interpretativo atual suscita diferentes questões que recolocam o advento da “morte do autor”. Nesse bojo, pode acrescentar-se, de um lado, a questão da propriedade intelectual e, de outro, a formação de bolhas, tendo como consequência a homogeneização da construção de sentido, a forclusão do pensamento crítico e uma espiral do silêncio de vozes minoritárias ou alternativas. No contexto de emergência das ferramentas de automação e Inteligência Artificial, a identidade do autor tornou-se complexa no ambiente digital à medida em que a produção é cada vez mais compartilhada e influenciada por algoritmos, exigindo novas modalidades de pensar a relação criadores-consumidores, assim como a análise dos diferentes processos comunicacionais contemporâneos.

A problemática da autoria na contemporaneidade encontra-se em um emaranhado de discursos que vão além do jurídico em torno da propriedade intelectual, mas convoca uma reflexão sobre o próprio sentido da criação humana. Artistas que produzem suas obras com auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial, influencers que viralizam copiando

danças da moda ou dublando algum texto que já está circulando em áudio. Múltiplas linguagens em torno do mesmo, a questão da autoria parece perder importância diante do imperativo dos *likes* e dos números. O alcance, vinculado à lógica monetária, já não se mede pelos efeitos radiais dos antigos meios de comunicação, mas por um consumo disperso, automatizado e superficial, medido por indicadores como número de curtidas, compartilhamentos e comentários, independente se sejam comentários de aprovação e reprovação, sejam eles um diálogo com quem produz o conteúdo ou uma intervenção outsider, muitas vezes remetendo-se a alguma propaganda de si: “me sigam que eu sigo de volta”.

A plataforma chinesa TikTok traz um cenário que evidencia as novas lógicas de circulação discursiva na contemporaneidade, o potencial narcotizante — para resgatar uma nomenclatura da Teoria Funcionalista — das redes sociais e o tipo de laço social que parece se impor neste contexto. Se nos tempos de Barthes, a inquietação que marcou os intelectuais foi o questionamento da onipotência da autoria e uma aposta no ato criativo que se apropria desse discurso que circula à revelia das intenções individuais, talvez hoje um desafio seja pensar qual é o espaço para o ato criativo em um contexto de automação, viralização, excesso de informações e sob a égide dos ditames dos algoritmos.

Da emersão do acontecimento midiático

No ano em que escreveu sobre “A morte do autor” — 1968 —, eclodiram na França movimentos de insurgência contra as instituições e toda ordem estético-política, protagonizados por estudantes universitários. No bojo das reivindicações relacionadas à pautas como equidade de gênero e de liberdade sexual, críticas ao governo de Charles de Gaulle e ao cenário pós-guerra, havia uma disputa de valores, uma crítica frontal à hegemonia do Estruturalismo na França, com impacto na produção intelectual daquele tempo. “Quando Maio de 68 eclode, Barthes parece ter encontrado a manifestação da escritura que ele procurava pensar desde *Mythologies*” (Agostinho, 2015, p. 35). Na ocasião, escreveu o artigo “*L’écriture de L’événement*”⁴, que representou uma nova investida em relação ao conceito de escritura.

Desde ‘O grau zero da escritura’, as incursões de Barthes em torno deste conceito se marcavam por uma negação das formas tradicionalmente reconhecidas como escritura (Agostinho, 2015). Ao testemunhar os modos de narração do Maio de 68, desde as manifestações de rua ao papel do rádio na transmissão dos atos, Barthes sustentou um novo conceito de escritura, enquanto um lugar de insurgências, violências e subversão da linguagem escrita e da norma culta. Os escritos nos muros da cidade, as barricadas, as mudanças de comportamento foram lidas como parte deste movimento de conceitualização da escritura. Ao fazê-lo, Barthes deu sua contribuição para a reflexão sobre a construção do acontecimento.

⁴ “A Escritura do Acontecimento” (*tradução nossa*).

As dimensões pontuadas sobre Maio de 68 e seu processo de mediatização⁵ revelaram uma mudança de paradigma sobre a noção de acontecimento histórico, o modo de narração da História e o papel do discurso oral, em seu tempo imediato e instantâneo, como mediador primordial daquele momento. Primeiramente, a imbricação das transmissões radiofônicas com os movimentos de rua. Em Maio de 68, a transmissão não mais reportava o acontecimento, mas ela era em si o próprio acontecimento (Barthes, 1968).

A fala informativa (do repórter) estava tão misturada com o acontecimento, com a própria opacidade do seu presente (basta pensar em certas noites de barricadas), que se tornou seu significado imediato e consubstancial, aquela forma de acesso a uma inteligibilidade instantânea; isto quer dizer que, nos termos da cultura ocidental, onde nada pode ser percebido sem significado, ela era o próprio acontecimento (Barthes, 1968, p. 108).

O segundo aspecto que fez de Maio de 68 um momento de virada no status do acontecimento foi a emergência de uma correlação de forças falada. Haja vista a disputa de valores em questão no bojo das reivindicações estudantis, e do papel do discurso informativo veiculado de maneira intermitente pelo rádio, foi “a palavra que, de certa forma, lavrou a história, fez com que ela existisse como rede de vestígios, como escrita ativa e em movimento” (Barthes, 1968, p. 109, *tradução nossa*)⁶. O autor testemunha o surgimento de um novo arranjo simbólico e um novo modo de se relacionar com a História, com o tempo dos acontecimentos e com as disputas ideológicas. É nesse contexto que aponta o transbordamento do discurso estudantil como terceiro aspecto relevante em sua análise sobre Maio de 68. Com referência ao grito de ordem da revolução francesa “Tomar a Bastilha”, Barthes diz que para os estudantes no Maio de 68, a questão de ordem era “Tomar a palavra”. Reconhece aí o advento de uma outra ordem no discurso, onde a fala, os símbolos e até a violência configuraram novos modos de escrita no campo da linguagem.

Barthes sustenta uma conceituação própria sobre a escritura. Para ele, não tem nada a ver com a fala e nem com a palavra escrita (*parole*), mas trata-se de um modo de inscrição revolucionário, que não se enquadra nos modos tradicionais de manejo da palavra, exemplificados pela cultura burguesa e pela crítica literária. Comprometido com o que acreditava ser um devir revolucionário da linguagem, cunhou o termo escritura, ou escrita, como “o que deve ser inventado, a ruptura vertiginosa com o sistema simbólico, a mutação de toda uma secção da linguagem” (Barthes, 1968, p. 111, *tradução nossa*)⁷. Mais do que um instrumento à serviço da revolução, a linguagem era compreendida como o locus fundamental de qualquer experiência revolucionária e isso tem desdobramentos sobre os modos de inferir intelectualmente sobre ela. A ideia de uma interpretação que busca decifrar a linguagem com o objetivo de encontrar uma verdade última é

refutada por um interesse na relação entre os elementos de tensão no interior de um discurso.

A interpretação deve, portanto, ser gradualmente substituída por um novo discurso, cujo fim não é o desvelamento de uma estrutura única e “verdadeira”, mas o estabelecimento de um conjunto de estruturas múltiplas: um estabelecimento ele próprio escrito, isto é, separado da verdade da palavra, mais precisamente ainda, são as relações que unem essas estruturas concomitantes, sujeitas a regras ainda desconhecidas, que devem ser objeto de uma nova teoria. (Barthes, 1968, p. 112, tradução nossa)⁸.

A leitura de Barthes sobre o acontecimento midiático em torno do Maio de 68, bem como sobre as diferentes possibilidades de escritura, traz elementos relevantes para pensar os processos de mediatização de lá para cá. A arte urbana cresceu em diferentes países, sobretudo nas Américas, como modo de reivindicação popular. O advento das redes sociais e a adesão massiva às plataformas demonstra não apenas um crescimento e enraizamento da hegemonia capitalista, mas também uma adesão das práticas sociais com um modo de vida pautado na narrativa. Como Barthes previu em 1975, podemos dizer que vivemos em uma sociedade dos emissores (Barthes, 1995). Entretanto, a identificação do público com a posição de emissor tem feito dos indivíduos contemporâneos trabalhadores incansáveis das plataformas digitais.

Tudo passa pelo discurso. O capital social se confunde com o número de seguidores nas redes sociais. Quem manda no conteúdo é o engajamento do público e os limites da plataforma. Entramos na era do “mais do mesmo” e quem se recusa a entrar na lógica homogeneizante do algoritmo, fica de fora do jogo. Em 1975, Barthes afirmou que, tal como o fato foi para as ciências positivistas, a significação tornava-se o modo de pensar do mundo moderno. No entanto, a discursivização das sociedades hipermediatizadas não significou, necessariamente, uma democratização da função semiológica de “decifrar os signos do mundo” e “lutar com certa inocência dos objetos” (Barthes, 2001, p. 178). Em que pese a circulação dos discursos críticos e das práticas antissistêmicas tenha aumentado muito, graças às possibilidades de conexão e câmbio cultural da internet, o ruído provocado pelo excesso de informações, a exacerbação do consumo como consequência da platformização do cotidiano, a pulverização de padrões comportamentais por meio de influenciadores digitais, são dados que apontam para uma sociedade de emissores impotentes, atados a uma lógica de mercado, dependentes de empresas com as quais não nutrem outra relação que não de subordinação.

Ontem e hoje, a construção do acontecimento pode ser analisada como um fenômeno cultural, mediado pelos meios de comunicação, influenciando a percepção do público e sua compreensão do acontecimento em particular e, da realidade

⁵ Barthes não trabalha com o conceito de mediatização, mas é deste fenômeno que se trata quando ele analisa o papel do discurso midiático na costura das mobilizações do Maio de 68 na França.

⁶ Original: C'est la parole qui a, en quelque sorte, labouré l'histoire, l'a fait exister comme un réseau de traces, comme une écriture opérante, déplaçante.

⁷ Original: L'écriture, elle, est intégralement "ce qui est à inventer", la rupture vertigineuse d'avec le système symbolique, la mutation de tout un pan de langage.

⁸ Original: À l'interprétation, il faut donc peu à peu substituer un discours nouveau, qui ait pour fin, non le dévoilement d'une structure unique et "vraie", mais l'établissement d'un jeu de structures multiples: établissement lui-même écrit, c'est-à-dire, décroché de la vérité de parole, plus précisément encore, ces sont les relations qui nouent ces structures concomitantes, assujetties à des règles encore inconnues, que doivent faire l'objet d'une théorie nouvelle.

em geral. A construção narrativa do acontecimento torna-se um entrelaçamento entre razão, emoção, afeto, ideologia etc. A internet democratizou a produção e ampliou a difusão da informação, proporcionando, pela interatividade, a construção de narrativas ancoradas numa variedade de vozes que, por sua vez, clamam pela necessidade de discernir o que é real e o que é fake news. A construção coletiva do acontecimento (sentido) é também moldada pela mediação digital, via algoritmos que podem enriquecer ou empobrecer a compreensão dos acontecimentos. A leitura crítica sobre o acontecimento midiático oferece um aporte como tais eventos são mediados e interpretados, colocando em relevo o papel dos meios de comunicação na formação da percepção sobre a realidade.

A própria noção de acontecimento precisa ser repensada à luz dos fenômenos midiáticos contemporâneos. Se acontecimento é aquilo que irrompe na experiência, causando uma ruptura entre um antes e um depois pelo seu poder de individuação, nos moldes Queré (2011), mas ao mesmo tempo, como aponta Ricoeur (1983), precisa estar inscrito em uma tessitura significativa a partir da qual é possível interpretá-lo, mudanças no social alteram radicalmente os critérios do que se entendem por acontecimento na contemporaneidade. O transbordamento da vida privada na esfera pública tem elevado

dramas pessoais sem grandes implicações coletivas à alçada de um acontecimento, a exemplo de traições conjugais, brigas familiares em torno de patrimônio e mesmo discussões entre figuras públicas na internet. A tecnologia cumpre um papel fundamental não apenas na mediação, mas também na criação de acontecimentos midiáticos, especialmente no contexto das deep fakes — manipulação de imagens e vídeos com uso de inteligência artificial, utilizadas em ações criminosas mas também apropriadas pela indústria cultural.

Em 2024, um filme publicitário levantou questionamentos sobre ética e direitos autorais, e suscitou polêmicas em torno de quais são os limites da criação com uso de inteligência artificial, licença poética, liberdade artística e interesses econômicos em jogo. Trata-se do filme “Gerações”, feito pela agência AlmapBBDO para a comemoração dos 70 anos da empresa automobilística Volkswagen⁹. Na peça, a cantora Maria Rita aparece dirigindo um carro moderno e cantando a música Como Nossos Pais — um clássico da música popular brasileira eternizado na voz de sua mãe Elis Regina. Em seguida, uma imagem feita com Inteligência Artificial em deep fake mostra Elis Regina — morta em 1982 — dirigindo um outro modelo de carro da marca, e cantando a música junto com a filha na estrada.

Figura 1 — *Frame* do Filme Publicitário “Gerações”



Fonte: Agência AlmapBBDO (2024).

A realidade virtual criada pela tecnologia gerou um conjunto de debates e uma repercussão que nos autoriza a situá-la no paradigma de um acontecimento midiático. Não sem a perspicácia humana de atrelar signos de emoção ao trazer uma grande artista que marcou a história nacional, em um momento íntimo com sua filha, atribuindo assim, diferentes sentidos à marca Volkswagen, a exemplo do familiar, da intimidade e ao mesmo tempo, do poder de conectar passado e futuro e, porque não, de manipular o tempo. O filme, que ganhou alguns prêmios como o Leão de Ouro em Cannes, é um exemplo de como novos elementos devem ser considerados ao pensar a tessitura do acontecimento, nos termos de Ricoeur, na

contemporaneidade, e de que modo essa noção de acontecimento midiático contemporâneo articula problemáticas levantadas por Barthes nos anos 60 e 70, como a morte do autor e mesmo o mito.

Das mitologias, ontem e hoje

Ao se apropriar do esquema Saussuriano, onde significante e significado são, a partir de uma relação de arbitrariedade, elementos constituintes do signo linguístico, Barthes construiu uma conceitualização sobre mito e suas implicações na cultura

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aMI54-kqphE>. Acesso em: 18 dez. 2025.

(Barthes, 1958) que nos instrumentaliza para olhar os contextos contemporâneos. Enquanto primeiro trabalho de fôlego, Mitologias foi um exercício importante para ampliar o espectro da semiologia em relação aos seus objetos de estudo. Entender o modo como os sentidos são construídos na linguagem dava, para Barthes, o caminho para desmistificar essas operações em diferentes discursos e práticas sociais. A tarefa ali consistia em evidenciar a natureza mitológica, histórica e política dos signos disseminados pelas classes dominantes como naturais, como forma de defender seus próprios interesses. Tal movimentação segue na ordem do dia para analistas do discurso midiático, haja vista a feroz captura dos monopólios da indústria de mídia, da atenção, do gosto e do tempo dos indivíduos nas sociedades hipermediatizadas.

Passeando por universos díspares como a Ciência e a Publicidade, o Casamento e a Culinária, Barthes investigou o funcionamento mitológico da cultura, através dos jogos de ‘esconder e mostrar’ na produção de sentido. Barthes sistematizou, com base no esquema de Saussure, um percurso metodológico de análise denominado Segundo Sistema Semiológico. Para Saussure (1970), o signo linguístico é composto de um significado, que é um conceito mental, e de um significante, que diz respeito à uma “imagem acústica”, base material (função fonética e morfológica) de expressão do conceito. A operação básica do mito, em Barthes, consiste em um esvaziamento da historicidade do significante, atribuindo-lhe, intencionalmente, um outro significado. Para demonstrar o esquema de construção do mito como um sistema semiológico segundo, Barthes recorre às noções de metalinguagem e linguagem-objeto. Barthes (1993) explica que o mito é uma ausência plantada no signo, para predispor-lo a novos significados. Tal ausência não é definitiva e nem total: o sentido histórico é afastado, colocado em reserva, pois pode a qualquer momento ser convocado, a partir de um movimento denominado por Barthes de deformação ou alienação. Tal deformação não é uma abolição; o conceito retira do sentido a memória e não a existência. A significação é o processo que, simultaneamente, lida com a aproximação e o afastamento do sentido, com um jogo de co-presença.

A relação que une o conceito do mito ao sentido é, essencialmente, uma relação de deformação. Reencontramos aqui uma certa analogia formal com um sistema semiológico complexo, o das psicanálises. Assim como, para Freud, o sentido latente do comportamento deforma o seu sentido manifesto, assim, no mito, o conceito deforma o sentido. (Barthes, 2001, p. 143).

Um estudo de caso emblemático na formulação sobre a significação mitológica na cultura burguesa e seus meios de comunicação continua iluminando reflexões atuais sobre deformações de sentido, racismo e representações midiáticas. Barthes analisa a capa da revista “Paris Match”, onde um jovem negro senegalês, vestido com uniforme do exército francês, presta continência (Barthes, 2001b) com um olhar direcionado ao que se supõe ser a bandeira da França.

Isto é o sentido da imagem. Mas, ingênuo ou não, bem vejo o que ela significa: que a França é um grande império, que todos os seus filhos,

sem distinção de cor, a servem fielmente sob a sua bandeira, e que não há melhor resposta para os detratores de um pretensão colonialismo do que a dedicação deste preto servindo os seus pretensos opressores. (Barthes, 2001b, p. 138).

A análise aponta para um esvaziamento do sentido histórico sobre a relação da França com países colonizados. É sabido que a França mantém relações neocoloniais com países africanos, que se mantém não apenas através da língua, mas de relações diplomáticas assimétricas, onde conflitos locais, condições de empobrecimento populacional e dificuldades econômicas, alimentam e aumentam a influência comercial, política e cultural francesa. O contexto contemporâneo oferece inúmeros exemplos para atualizar o potencial analítico do conceito de mito em Barthes. Nos últimos anos, algumas pautas ganharam relevância e repercussão nas mídias, entre elas, a questão do racismo, sobretudo a partir de um acontecimento marcante: o assassinato de George Floyd, homem negro estrangulado em uma abordagem policial na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, em plena luz do dia. A morte foi filmada e gerou repercussão internacional, protestos em diferentes países e um aguçamento da discussão em torno da violência racial.

A mediatização desta morte e o horror provocado pelas imagens que circularam rapidamente, desencadeou um ambiente de grande efervescência para o debate sobre o racismo, onde foi possível a emergência de vozes até então pouco escutadas pela indústria de mídia. Por outro lado, eclodiram diferentes forças de mercado, vetores em direção à apropriação, deformação, esvaziamento destas pautas, transformando-as em produtos, mercadorias e lucro. Empresas com histórico racista passaram a se apropriar da imagem de pessoas negras e da narrativa antirracista, não com o objetivo de democratizar, mas com a preocupação de “limpar a barra”, haja vista a visibilidade do debate e a possibilidade de serem “canceladas” nas redes sociais.

O relatório “Blackwashing — as corporações estão engajadas na pauta racial” (2022), analisou o modo como corporações responsáveis pela produção de ultraprocessados, bebidas alcoólicas e tabaco, se relacionam de maneira controversa com a questão. O relatório escolheu empresas que se comprometeram com o Movimento pela Equidade Racial (MOVER)¹⁰, iniciativa de empresas, em consonância ao Pacto Global da ONU no Brasil. A pesquisa aponta que, apesar de uma maior diversidade nos quadros de profissionais e nas peças publicitárias, o comprometimento segue sendo com o lucro e o marketing, desprezando o impacto negativo dos produtos sobre a população negra, em especial na área da saúde. O estudo traz como exemplo a mudança de posicionamento discursivo da empresa de refrigerante Pepsi, nos anos 1950, com foco no público negro, como estratégia de competir com o mercado da Coca-Cola. Enquanto esta sempre associou sua marca à família branca, aos valores e momentos tradicionais, aquela passou a investir em uma imagem descolada e moderna, trazendo jogadores de basquete, artistas negros e trazendo Pelé, em 1981, como garoto propaganda da marca. “Como resultado, muitas pessoas passaram a associar a Pepsi aos negros e o consumo do refrigerante disparou. O consumo de Pepsi ultrapassou o de Coca-Cola na comunidade negra” (Maranha; Morais, 2023, p.17).

¹⁰ Ver mais em: <https://somosmover.org/>.

Figura 2 — Campanhas da Pepsi nos Estados Unidos nos anos 1950



Fonte: Relatório Blackashing (2023).

Segundo Barthes, o mito é uma fala roubada e restituída. No caso estudado, Pepsi busca falar a língua da comunidade negra estadunidense, para construir um sentido de aproximação, e mesmo de representação. “Um refrigerante para chamar de seu”, talvez era o que queria dizer. Uma fala que encobre o outro sentido, pulsante e determinante no mercado de refrigerantes: vender mais do que a marca concorrente. A Coca-Cola, denunciada no passado por Martin Luther King pela

exploração indevida da mão-de-obra de pessoas negras, foi premiada no Brasil, em 2020, com o Prêmio Sim à Igualdade Racial, por uma ação de natal em que trouxe o ator negro Milton Gonçalves interpretando Papai Noel, sob o slogan “Juntos a Magia Acontece” (Coca-Cola, 2020). Desenvolvida em parceria com a agência WMcCann e a Globo, a peça ganhou ainda, em 2021, o Leão de Ouro no Festival de Cannes, na categoria “Entretenimento”.

Figura 3 — Campanha de Natal da Coca-Cola no Brasil em 2020



Fonte: WmCann (2020)¹¹.

Em matéria¹² no site da Globo, o anúncio afirma que “Especial de Natal da TV Globo deu vida ao primeiro Papai Noel negro da TV brasileira” (Globo, 2021). A construção dos mitos, em Barthes, se ampara num certo anonimato da esfera de produção dos discursos. O que ele criticou olhando para a burguesia francesa, podemos trazer para pensar as grandes

corporações que escondem seus interesses por trás de estratégias narrativas de vinculação do público. Pode-se pensar ainda nas Big Techs — gigantes conglomerados de empresas de tecnologias — cumprindo hoje o papel que outrora a burguesia francesa exerceu para o proletariado francês. Essas empresas sem rosto, sem identidade, sem gente, guiadas por algoritmos,

¹¹ Disponível em: <https://www.wmccann.com/juntos-a-magia-acontece/>. Acesso em: 18 dez. 2025.

¹² Ver em: <https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/juntos-a-magia-aconteceganha-leao-de-ouro-em-cannes.ghtml>

são responsáveis pela mediação das relações de trabalho e constroem lógicas de exploração da mão de obra sob a ideologia do empreendedorismo e da autonomia (Melo; Rocha; Santana, 2022). Também são essas empresas que ditam as regras no ambiente digital onde as pessoas — especialmente as mais jovens — constroem suas relações sociais, preferências políticas, opiniões. Supondo transitar em um ambiente neutro, com agência própria, estão sujeitas aos constrangimentos das plataformas enquanto trabalham para a manutenção destas, fornecendo dados que viram moeda cara para os negócios dessas empresas com marcas parceiras. Em países onde a subcidadania ainda é uma realidade e os direitos básicos não são universalizados, qualquer perspectiva de indignação e levante social vem sendo substituída na juventude por sonhos de consumo e um projeto de vida: virar influencer e ganhar dinheiro fazendo vídeos. Barthes segue atual para a tarefa de desnaturalização e desmistificação das práticas discursivas e suas relações de poder na contemporaneidade, sobretudo no contexto da sociedade digitalizada.

De um Barthes dividido: ambivalências em uma trajetória

Apesar da alcunha de estruturalista, do esforço de sistematização da Semiologia e da busca pela cientificidade da linguística para portar-se como intelectual engajado politicamente, o percurso de Roland Barthes sempre transbordou aos rótulos. Aficionado pela problemática do sentido e fisgado pela potencialidade da escritura, enquanto modo de inscrição radical na linguagem, se deparou com objetos das mais diferentes naturezas e não recuou diante deles. Seu horizonte epistemológico sempre colocou em questão os modos de fazer ciência e lidar com a teoria, buscando ferramentas analíticas que fizessem ecoar suas inquietações e seu compromisso ético de liberar o sentido.

A discussão sobre autoria, polissemia e liberdade do sentido que o aproxima dos surrealistas está articulada a uma pergunta sobre quem é o sujeito da linguagem. A relação com a psicanálise, os estudos em Freud e a contemporaneidade com Jacques Lacan, influenciaram a obra de Barthes de maneira flagrante, não apenas nas citações diretas, mas sobretudo no percurso ético de oposição ao fechamento do sentido, de enfrentamento às ciências positivas. Seus estudos sobre a imagem ilustram bem tal percurso. Ao mal estar dos semiólogos com o advento da linguagem imagética em detrimento da linguagem verbal, Barthes respondia com esforço de analisar os modos de articulação de ambas formas de significação, no processo mais amplo da produção de sentido. Enquanto céticos e pessimistas proferiram que a fotografia era uma linguagem inferior à língua e não devia estar no centro das preocupações semiológicas, Barthes (1990) sustentava a possibilidade de experimentar uma semiologia da imagem.

Barthes (1964; 1990) empenhou-se em sistematizar categorias para produzir análise homóloga à do texto verbal, inclusive evidenciando o papel das palavras para contornar o sentido das imagens. No entanto, deparou-se com a polarização indecível entre o que chamou de “conotadores” e “denotadores”, a saber, aquilo que amplia e aquilo que reduz o curso da significação. Em seu último livro (*A Câmara Clara*), se valeu de uma leitura subjetiva de fotografias de família, onde as hipóteses conceituais aparecem mais como um modo de dar

tratamento à angústia, à solidão e ao luto provocado pela morte da mãe. Segundo Zorzo (2018), neste texto Barthes assume “uma posição menos intelectual e mais selvagem, uma busca pelo traço essencial da Fotografia, sempre movido por um desejo que ele denomina como sendo ‘ontológico’”.

Duas noções são fundamentais para a formulação de Barthes em *A câmara clara*: *studium* e *punctum*. A primeira diz respeito à inteligibilidade da fotografia, à interpretabilidade, mas é a segunda que marca a importância e a singularidade desta obra. O *punctum*, do italiano *pungere*, tradução: punzir (Venera; Edra, 2019), situa a fotografia em outro registro; aponta para ordem do irrepresentável, do que faz furo no dizer, pois não é da ordem das palavras, mas do que afeta o corpo.

O segundo elemento vem quebrar (ou escandir) o studium. Dessa vez, não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do studium), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar. Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo [...]. A esse segundo elemento que vem contrariar o studium chamarei então punctum; pois punctum é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte [...]. O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere). (Barthes, 1989, p. 46).

Étienne Samain desdobra os fatores da construção do sentido da imagem segundo Barthes e o desloca de uma perspectiva de leitura técnica ou puramente semiótica para o domínio de uma antropologia da imagem, na qual se articulam diferentes aspectos: (1) o afetivo, o acaso de uma foto que me fere, me golpeia (*punctum*, campo do não simbólico), (2) o socialmente construído, que explica, contextualiza e entende racionalmente (*studium*, campo cultural); (3) a linguageira e simbólica, reformuladas e questionadas diante do “real absoluto” da fotografia; (4) o memorial e a funérea, como um índice de uma realidade passada, pedida. A imagem é para-Barthes um operador de ausência que se oferece e se dá sobretudo pelo afeto (Samain, 2005).

Venera e Edra (2019) apostam em uma articulação entre o *punctum* de Barthes, o estranho familiar (*unheimlich*) em Freud (2014) e o conceito de objeto *a* em Lacan (2005). Lacan aprofunda a teoria do inconsciente freudiano, apontando que ele é “estruturado como uma linguagem” (Lacan, 2008, p.27). O sujeito é constituído através da linguagem, que vem do grande Outro, tesouro dos significantes, mas dessa operação resta um objeto pulsional, de ordem não-representável, que permanece como ausência estrutural para o sujeito, como objeto perdido. O denominado objeto *a* é um lugar lógico onde se inscreve a falta, que aponta para a angústia, mas também se faz via para o desejo.

A teoria do objeto *a* em Lacan busca responder à noção de estranho familiar desenvolvida por Freud, para tratar da experiência ambivalente da angústia, na qual se apresenta como afeto intrusivo à medida de sua proximidade, estranho, na medida de sua familiaridade. Tal ambivalência constitutiva Lacan denominou extimidade (Venera; Edra, 2019), neologismo para dar conta da divisão estrutural do sujeito entre o registro simbólico e o real, que é aquilo que não cessa de não se escrever.

É a impossibilidade de escrita que parece tangenciar o *punctum* de Barthes e, que ele tenha sido capturado por essa

experiência diante das fotografias durante um período de luto, deixa pistas sobre a abertura subjetiva que o possibilitou conceitualizar deste modo. “O que posso nomear não pode, na realidade, me ferir” (Barthes, 1984, p. 80). Diante da fotografia, sustentou uma abordagem singular, “não como uma questão (um tema), mas como uma ferida” (1984, p. 39).

O estudo sobre a fotografia, concretizado no livro *La chambre Claire*, de autoria de Roland Barthes, em torno de 40 anos atrás, foi e continua sendo relevante na articulação da afetividade, linguagem, memória, morte e imagem. Tal estudo reverbera ainda hoje em razão de diversas, fatores: (1) valorização do afeto e da subjetividade, (2) recusa a lógica totalizante da interpretação, com espaço para o vazio, luto trauma etc; (3) a fotografia como ontologia do tempo, ou seja, a verdade (ontológica) da presença-ausência, uma emanção do referente, (4) a imagem como signo, mas também como experiências; (5) a oferta de leitura crítica em tempo de abundância de imagens. Enfim, diante da ambiência digital, Barthes nos convoca para a importância do espectador como ser racional mas também emocional; alarga as bordas da análise comunicacional, implicando a experiência sensível; além de antecipar questões fundamentais sobre o desdobramento emocional das imagens na era digital. Pela importância da fotografia na sociedade, Barthes afirma, neste seu último livro, que ela foi uma quase revolução antropológica: “É precisamente porque a fotografia é um objeto antropológicamente novo, que ela deve escapar, me parece, às discussões ordinárias sobre as imagens” (Barthes, 1980, p. 136).

Considerações finais

Neste artigo fizemos um percurso analisando alguns aspectos do pensamento de Roland Barthes, que são caros aos estudos comunicacionais, entre outros: o acontecimento mediático, a morte do autor, o mito, a imagem (fotografia). A partir destas referências, buscou-se evidenciar, articular com o contexto contemporâneo marcado sobretudo pelos ditames do consumo, a emersão dos emissores e a digitalização da sociedade e da cultura. A complexificação dos modos sociais de apropriação do sentido na contemporaneidade convoca a perspectiva de Barthes, na qual os significados não são inerentes aos signos, mas edificados por valores embutidos cultural e socialmente. Roland Barthes torna-se presente no estudo da comunicação mediática (humana) através da relação dos signos com os significados, passando pela implicação da cultura e da ideologia, ou seja, dos processos sociais e políticos da significação.

Em contextos de precarização da vida, aceleração do tempo, escamoteamento da experiência pelos processos de automação, a contribuição de Barthes tem um valor intelectual, político e ético para as inflexões exigidas pela época. Problemáticas em torno da escrita, da autoria, da criação artística e da própria produção de conhecimento estão atravessadas por lógicas de produção completamente submetidas pelo paradigma neoliberal e pelas demandas do capital. Sabendo que a Inteligência Artificial faz muita coisa, menos dar conta dos desafios mais profundos da humanidade,

como os enfrentamentos à desigualdades sociais, o combate às injustiças econômicas, a preservação de tradições culturais e a manutenção dos laços sociais, a obra de Barthes tem o poder de, como punção, penetrar no âmago de nossos impasses a dose de subversão tão necessária a quem se aventura a fazer ciência.

Como os signos são utilizados para transmitir ideologias e valores culturais? Como a cultura e a ideologia influenciam a interpretação, a circulação e a produção discursiva? São questões que atravessam o pensamento de Barthes, na sua postura ética e intelectual contra o status quo, e seguem na ordem do dia em relação à construção de sentido em diferentes domínios na atualidade: filológico, comunicacional, computacional. Umberto Eco resume bem a contribuição de Barthes na investigação da construção do sentido: “Barthes nos ensinou a aventura do homem face ao texto, ele não nos ofereceu modelos esquemáticos para aplicação, mas, ao contrário, um exemplo vivo de como “nos encantar” cada dia diante da vitalidade e o mistério da semiosis em ato” (Eco, 1993, *tradução nossa*)¹³. Eis a razão para se afirmar mais uma vez: Enfim, Barthes.

Referências

- AGOSTINHO, Larissa. Barthes político: escrever maio de 68. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. spe, p. 33–38, 2015. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0ispep33-38. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/109017>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes; Cultrix, 2001.
- BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 11–25.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2ª ed. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27–43.
- BARTHES, Roland. L'écriture de l'événement. *Communications*, Paris, n. 12, 1968. Dossiê Mai 1968: La prise de la parole. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1968_num_12_1_1175. Acesso em: 18 dez. 2025.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno; Pedro Souza. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b. 192 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7946734/mod_resource/content/1/BARTHES-Roland-Mitologias.pdf. Acesso em: 18 dez. 2025.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- BOUGNOUX, Daniel (org.). *Empreintes de Roland Barthes*. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2009.
- COLLOQUE DE CERISY 2016: *Roland Barthes continuités*. Cerisy: Christian Bourgois Éditeur, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. Lequel est le vrai? *Magazine Littéraire*, Paris, n. 314, p. 26–28, out. 1993.
- ECO, Umberto. La maîtrise de Barthes. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 314, p. 40–45, out. 1993.
- FOUCAULT, Michel. Estética: literatura e pintura, música e cinema. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264–298.

¹³ Original: Barthes nous a enseigné l'aventure d'un homme face au texte, il ne nous a pas offert des modèles schématiques à appliquer mais au

contraire un exemple vivant de comment “nous enchanter” chaque jour devant la vitalité, et le mystère, de la semiosis en acte.

- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 17: Inibição, sintoma e angústia; O futuro de uma ilusão e outros textos (1926–1929). Trad. Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- JACQUES-WAJEMAN, Brigitte. Retour à Barthes. In: BOUGNOUX, Daniel (org.). *Empreintes de Roland Barthes*. Nantes: Editions Cécile Defaut, 2009.
- LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MARANHA, Camila; MORAES, Vitória (org.). *Relatório blackwashing*: as corporações estão engajadas na pauta racial? São Paulo: ACT Promoção da Saúde, 2023. Disponível em: <https://actbr.org.br/uploads/arquivos/RELATORIO-BLACKWASHING-ficha.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- MELO, Paulo; ROCHA, Bruna; SANTANA, Cássio. Tecnologias de exploração: colonialismo, cotidiano e relações de trabalho no capitalismo digital. *Revista Convergência Crítica*, [s. l.], v. 1, n. 21, 2022. DOI: 10.22409/rcc.v1i21.64470. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/64470/38752>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Crítica e tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes, o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983–1985. Coleção Encanto Radical, n. 23.
- PINO, Claudia Amigo. Genèse d'une critique magique: les grands projets de Roland Barthes dans les séminaires de l'EHES. In: COLLOQUE DE CERISY 2016: *Roland Barthes continuités*. Cerisy: Christian Bourgois Éditeur, 2017.
- RAMOS, Roberto. *Roland Barthes: a semiologia da dialética*. Conexão: Comunicação e Cultura, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. v. 1: L'intrigue et le récit historique. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- SAMAIN, Étienne. *Imagem e imaginação: caminhos da antropologia da imagem*. São Paulo: Papirus, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Natureza do signo linguístico. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 79–84.
- VENERA, José Isaías; EDRAL, Adriana Stela Bassini. O punctum de Barthes e o estranho familiar em Freud. *Crítica Cultural–Crític*, Palhoça, v. 14, n. 1, p. 47–56, jan./jun. 2019.
- ZORZO, Aline. Studium e punctum: notas sobre fotografia por Roland Barthes. In: *Medium*, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://medium.com/@alinezorzo/studium-e-punctum-notas-sobre-fotografia-por-roland-barthes-743056ccc357>. Acesso em: 18 dez. 2025.

Artigo submetido em 20/07/2025

Aceito em 18/12/2025